

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO
REGIONAL DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

TEORIA MARXISTA DO VALOR E MERCADO MUNDIAL:

**UMA CONTRIBUIÇÃO AOS ESTUDOS SOBRE OS MECANISMOS DE
FUNCIONAMENTO DO CAPITALISMO GLOBAL**

OZIAS SANTOS DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA

Campos dos Goytacazes
2017

OZIAS SANTOS DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA

TEORIA MARXISTA DO VALOR E MERCADO MUNDIAL: UMA
CONTRIBUIÇÃO AOS ESTUDOS SOBRE OS MECANISMOS DE
FUNCIONAMENTO DO CAPITALISMO GLOBAL

Monografia apresentada ao Curso de
Economia da Universidade Federal
Fluminense, Instituto de Ciências da
Sociedade e Desenvolvimento
Regional, como requisito parcial
para obtenção do grau de Bacharel
em
Economia.

Orientador: Orientador: Prof. Dr. Leonardo Magalhães Leite

Campos dos Goytacazes

2017

Antes mundo era pequeno Porque Terra era grande
Hoje mundo é muito grande Porque Terra é pequena
Do tamanho da antena Parabolicamará
Ê volta do mundo, camará
Ê, ê, mundo dá volta, camará
Antes longe era distante
Perto só quando dava
Quando muito ali defronte
E o horizonte acabava
(...)
Pela onda luminosa
Leva o tempo de um raio
Tempo que levava Rosa
Pra aprumar o balaio
Quando sentia
Que o balaio ía escorregar
(...)
De jangada leva uma eternidade
De saveiro leva uma encarnação
De avião o tempo de uma saudade
Esse tempo não tem rédea
Vem nas asas do vento

(Parabolicamará, de Gilberto Gil)

É lícito dizer que os futuros são muitos; e resultarão de arranjos diferentes, segundo nosso grau de consciência, entre o reino das possibilidades e o reino da vontade.

Milton Santos

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha família, especialmente aos meus pais e a minha irmã, que sempre estiveram ao meu lado dando apoio incondicional às minhas conquistas e me acolhendo nos momentos de dificuldade.

A Leonardo Leite, que além de ter sido um orientador primoroso sempre esteve atento e disposto, captando as minhas reflexões e questionamentos e extraindo o meu melhor para esta pesquisa. Sou grato também por ele ter acreditado no meu potencial.

Sou grato aos membros que compuseram a banca para a defesa dessa monografia, Maracajaro Mansur e Rodrigo Delpupo, pelas contribuições e reflexões que enriqueceram esse trabalho. Estes junto ao meu orientador, a professora Daniela Franco, ao professor Adriano Sampaio, a professora Vanessa, a professora Rita e a professora Jussara além de excelentes professores, são minha grande inspiração para seguir a carreira acadêmica.

Agradeço também aos meus colegas de graduação pelos vários momentos de estudo, descontração e pelas discussões enriquecedoras. Em especial, menciono: Marina, Ana Carla, Lívia, Álvaro, Mayare, João Guilherme, Natália Rodrigues, Natalia Bousquet, Rafael, Guilherme, Fabiana, Cassiano, Lucas.

Agradeço ao corpo docente do departamento de economia e a todos os funcionários da UFF Campos.

Agradeço a Deus e a todos que direta ou indiretamente participaram da minha formação e contribuíram para conclusão desta importante etapa da minha vida.

RESUMO

Este trabalho analisa o papel da categoria mercado mundial no nível de abstração do livro I da obra O capital de Karl Marx e toma como suporte os conceitos-chave desenvolvidos nessa obra, utilizando a contribuição teórica de outros autores, principalmente Lucia Pradella, para reforçar a hipótese de que as leis gerais do capitalismo, principalmente a lei do valor, presentes na obra O capital descrevem a constituição do capitalismo global. Sendo assim, verificou-se que a tendência universalizante do capital possui um caráter incontrolável e, portanto, precisa ultrapassar qualquer barreira espacial para criar condições objetivas para ampliação das relações de troca. Esse estudo contribui para o entendimento das raízes do desenvolvimento capitalista e também para a compreensão das possíveis conexões entre o modo de produção capitalista e o fenômeno da globalização.

Palavras-chave: Economia Política Internacional. Mercado Mundial.
Marx

ABSTRACT

This work analyzes the role of the world market category in the level of abstraction of book I of the work *The capital* of Karl Marx and takes as support the key concepts developed in this work, using the theoretical contribution of other authors, especially Lucia Pradella, to reinforce the hypothesis that the general laws of capitalism, especially the law of value, present in the work *Capital* describe the constitution of global capitalism. Thus, it has been found that the universalizing tendency of capital has an uncontrollable character and, therefore, must overcome any space barrier to create objective conditions for the expansion of exchange relations. This study contributes to the understanding of the roots of capitalist development and also to the understanding of possible connections between the capitalist mode of production and the phenomenon of globalization.

Keywords: International Political Economy. World Market. Marx

Sumário

Introdução.....	1
Capítulo 1 – Teoria Marxista do Valor.....	3
1.1 – Teoria do valor-trabalho.....	3
1.2 – Gênese e incontrolabilidade do capital.....	6
Capítulo 2– Trajetória do Mercado mundial no Livro I.....	10
2.1 – A tendência de universalização do Capital.....	11
2.2 – Do dinheiro mundial à acumulação de capital.....	14
Considerações finais.....	28
Referências.....	33

INTRODUÇÃO

O fenômeno da globalização está intimamente vinculado à dinâmica e ao desenvolvimento capitalista. Busca-se nesta pesquisa, a partir de uma perspectiva crítica, investigar os fundamentos econômicos de tal fenômeno e explicitar suas relações com o modo de produção capitalista.

A obra *O Capital*, de Karl Marx, constitui o principal referencial teórico desta pesquisa. O autor analisa o modo de produção capitalista tanto em sua aparência, quanto em sua essência, de modo que essa obra proporciona o estudo profundo do capitalismo em comparação com outros estudos disponíveis.

Buscamos ressaltar a atualidade da obra *O Capital* destacando que a principal crítica de Marx ao sistema de mercado (ao livre mercado, enfim ao capitalismo) consiste no estranhamento (alienação) presente na produção social (DUAYER; MEDEIROS, 2008), o qual é um componente necessário para a compreensão do capitalismo em escala mundial. Destacamos também que esta obra trata do mercado mundial, como tentaremos defender, e não de uma economia fechada, pois, como veremos, o modo de produção capitalista possui dispositivos automáticos de expansão de riqueza que o impedem de ficar contido em um sistema fechado. Portanto, o problema que esta pesquisa busca responder é como a dinâmica autoexpansiva do capital engendra a constituição e a dinâmica do mercado mundial.

O que justifica essa pesquisa é o fato de existirem interpretações distintas dentro do marxismo sobre esta questão. Alguns teóricos defendem que as leis gerais do capitalismo formuladas por Marx valem para o capitalismo global, enquanto outros defendem que tais leis valem somente para um sistema fechado. A origem dessa controvérsia parecer ser uma nota de rodapé presente no capítulo 22 (MARX, 2013, nota 21a, pág.656). Padrella (2013, p.122) chama atenção para as interpretações de Lenin e Luxemburgo, de acordo com essas interpretações a abstração contida na referida nota significa o isolamento da Inglaterra no que tange o mercado mundial, Marx estaria analisando o desenvolvimento do mercado doméstico (nacional). O objeto deste trabalho de pesquisa é argumentar que essa nota de rodapé revela o fato de que a exposição de Marx no Livro I de *O capital* está conduzida no nível do mercado mundial.

Como a relação entre essas leis gerais e a constituição do capitalismo global não é algo muito explícito no marxismo, buscamos explicitar essa relação nesta pesquisa.

A importância de entender essa questão: não é simplesmente fomentar um debate interno no marxismo, mas tem profundas conexões com o entendimento do fenômeno da globalização capitalista.

Perceber a presença do mercado mundial no livro I d'O capital pode contribuir com novos elementos teóricos para conectar a análise da globalização produtiva com a financeira. Já que poucos teóricos fazem essa articulação ao investigar o atual estágio de desenvolvimento do capitalismo

A hipótese adotada nesta pesquisa é a de que as leis gerais do capitalismo, presentes na obra O Capital, valem para o capitalismo como um todo, como um sistema mundial, de modo que a teoria do valor marxiana contém uma teoria da globalização capitalista. Como sugerido por Saludjian et al(2015,p.1) buscamos captar o sentido lógico-categorial geral do Livro I d'O capital.

Objetivos

O objetivo geral deste estudo consiste em demonstrar que as leis gerais do capitalismo formuladas por Marx, principalmente a lei do valor, descrevem a constituição do capitalismo global. Especificamente, pretende-se:

- analisar a lógica expansiva do capital a partir da gênese da forma dinheiro;
- identificar se o mercado mundial está pressuposto na exposição de Marx;
- relacionar a reprodução do capital com a globalização.

1 TEORIA MARXISTA DO VALOR

1.1 Teoria do valor-trabalho

Karl Marx inicia sua investigação sobre o funcionamento do modo de produção capitalista pela análise da mercadoria, entendida como célula fundamental deste modo de produção, pois esta análise torna possível o desenvolvimento teórico do dinheiro. E a partir deste é viável a compreensão da gênese do capital.

A mercadoria, seguindo Marx (2013), é algo que atende às necessidades humanas, sendo esse algo constituído para a troca. Ela, como algo duplo, possui dois fatores: o valor de uso e o valor de troca. O primeiro fator constitui o “conteúdo material da riqueza” (MARX,2013, p.114), determinado pelo corpo da mercadoria, pois a “utilidade de uma coisa faz dela valor de uso” (MARX,2013, p.114). Já o segundo fator da mercadoria, o valor de troca, “aparece inicialmente como relação quantitativa, a proporção na qual valores de uso de um tipo são trocados por valores de uso de outro tipo” (MARX, 2013, p.114).

Para uma mercadoria ter valor de troca ela tem que ter valor de uso e esse deve ser abstraído para que se caracterize a troca, “prescindindo do valor de uso dos corpos das mercadorias, resta nelas uma única propriedade: a de serem produtos do trabalho” (MARX, 2013, p.116). Assim, Marx demonstra que a igualdade que aparece em qualquer relação de troca é determinada pelo trabalho. Mas não é qualquer trabalho (concreto), como diz Marx:

Com o caráter útil dos produtos do trabalho desaparece o caráter útil dos trabalhos neles representados e, portanto, também as diferentes formas concretas desses trabalhos, que não mais se distinguem uns dos outros, sendo todos reduzidos a trabalho humano igual, a trabalho humano abstrato (MARX, 2013, p.116).

Esse trabalho humano abstrato é a substância do valor, ou seja, “o elemento comum, que se apresenta na relação de troca ou valor de troca das mercadorias, é, portanto, seu valor” (MARX, 2013, p.116). Enfim, o valor é o quantum de trabalho humano abstrato, força conjunta de trabalho da sociedade, presente nas relações de troca. Com isso, Marx está se referindo à totalidade do trabalho presente no processo de produção das mercadorias. Totalidade completa de atividades humanas complexamente

articuladas que, enquanto totalidade, é uma abstração das diferenças concretas. Dessa forma, Marx enfatiza que o valor de troca inerente à mercadoria é “o modo necessário de expressão ou forma de manifestação do valor” (MARX, 2013, p.116).

Marx constata que a quantidade de substância de valor é o meio utilizado para medir a grandeza de valor de um bem. Assim, diz Marx:

A força de trabalho conjunta da sociedade, que se apresenta nos valores do mundo das mercadorias, vale aqui como uma única força de trabalho humana, embora consista em inumeráveis forças de trabalho individuais. Cada uma dessas forças de trabalho individuais é a mesma força de trabalho humana que a outra, na medida em que possui o caráter de uma força de trabalho social média e atua como tal força de trabalho social média; portanto, na medida em que, para a produção de uma mercadoria, ela só precisa do tempo de trabalho em média necessário ou tempo de trabalho socialmente necessário. Tempo de trabalho socialmente necessário é aquele requerido para produzir um valor de uso qualquer sob as condições normais para uma dada sociedade e com grau social médio de destreza e intensidade do trabalho (MARX, 2013, p.117).

Por essa razão, mercadorias em que estão contidas quantidades iguais de trabalho ou que podem ser produzidas no mesmo tempo de trabalho (abstrato) têm a mesma grandeza de valor. Uma variação no tempo de trabalho socialmente requerido para produção de uma mercadoria altera a grandeza de valor da mesma. Mas o referido tempo de trabalho é alterado de acordo com mudanças da força produtiva do trabalho. De acordo com Marx

essa força produtiva do trabalho é determinada por múltiplas circunstâncias, dentre outras pelo grau médio de destreza dos trabalhadores, o grau de desenvolvimento da ciência e de sua aplicabilidade tecnológica, a organização social do processo de produção, o volume e a eficácia dos meios de produção e as condições naturais (MARX, 2013, p.118).

Em síntese, para que um produto seja mercadoria é necessário que ele, “por meio da troca, seja transferido para outrem, a quem vai servir como valor de uso” (MARX, 2013, p.119).

Marx aponta que devido ao fato das mercadorias serem coisas dúplices, o trabalho que as produz cria ao mesmo tempo seus dois fatores. Isso implica que o próprio trabalho também possui duplo aspecto.

Todo trabalho é por um lado, dispêndio de força humana de trabalho em sentido fisiológico, e graças a essa sua propriedade de trabalho humano igual ou abstrato ele gera o valor das mercadorias. Por outro lado, todo trabalho é dispêndio de força humana de trabalho de forma específica, determinada à realização de um fim, e nessa qualidade de trabalho concreto e útil, ele produz valores de uso (MARX, 2013, p.124).

Tendo como escopo a tentativa de explicar a natureza da forma-dinheiro, Marx retorna as relações de troca mais simples. Ele inicia esse processo investigativo discursando sobre a forma simples de valor, e esta pode ser verificada por meio de uma equação de troca simples: x mercadoria A = y da mercadoria B. Nesse caso, A representa a forma relativa de valor de uma certa mercadoria. Já a mercadoria B possui a forma equivalente do valor, e será a medida de valor da mercadoria A. É possível inverter o lado dos elementos na relação de troca, porém, quando isso ocorre, B passa a expressar a forma relativa do valor e A passa a expressar a forma equivalente do valor.

Com o avanço das relações de troca é gerada a forma de valor total ou desdobrada. Nessa forma, A toma a forma extensiva do valor relativo e o valor de A pode ser expresso pelo valor de uso das inúmeras mercadorias que estão inseridas no mundo das mercadorias. As mercadorias B e C se comportam como equivalentes de A, mas elas são formas limitadas.

Essa forma de valor total se converte na forma de valor universal, nas quais certas quantidades de diversas mercadorias são iguais a x da mercadoria A. Assim todas as demais mercadorias expressam seu valor por meio do valor de uso da mercadoria A esta assume o papel de equivalente geral. Podendo ser trocada diretamente por quaisquer mercadorias.

Diante disso, Marx demonstra que qualquer mercadoria pode assumir o papel de equivalente universal e se transformar em dinheiro, que é basicamente uma mercadoria como qualquer outra. Essa mercadoria surge de uma conjuntura (sistema) de trocas e a expansão dessas relações de troca consolida a forma-dinheiro como equivalente universal.

Após essa análise, Marx discorre sobre um conceito fundamental para o escopo de estudo dessa monografia, o conceito de fetichismo da mercadoria. Antes de nos deter neste conceito, vale lembrar o que este autor diz sobre o valor da mercadoria. Segundo Marx:

A objetividade do valor das mercadorias é diferente de Mistress Quickly, na medida em que não se sabe por onde agarrá-la. Exatamente ao contrário da objetividade sensível e crua dos corpos das mercadorias, na objetividade de seu valor não está contido um único átomo de matéria natural. Por isso, podese virar e revirar uma mercadoria como se queira, e ela permanece inapreensível como coisa de valor. Lembremo-nos, todavia, de que as mercadorias possuem objetividade de valor apenas na medida em que são expressões da mesma unidade social, do trabalho humano, pois sua objetividade de valor é puramente social e, por isso, é evidente que ela só

pode se manifestar numa relação social entre mercadorias (MARX, 2013, p.125).

Assim, podemos verificar que o valor, como uma relação social, é imaterial, no entanto é objetivo. E entender isso é importante para compreender o conceito de fetichização das mercadorias, pois o caráter místico destas, enquanto produtos do trabalho, surge do fato de que a forma-mercadoria

reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos próprios produtos do trabalho, como propriedades sociais que são naturais a essas coisas e, por isso, reflete também a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social entre objetos, existente à margem dos produtores (MARX, 2013, p.147).

Ou seja, “uma relação social determinada entre os próprios homens[...] assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas”. Isso é o que define “o fetichismo, que se cola aos produtos do trabalho tão logo são produzidos como mercadorias e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias” (MARX, 2013, p.147-148).

Com base nisso, podemos inferir que o fetichismo da mercadoria consiste em atribuir características às relações sociais de produção como se fossem atributos naturais (intrínsecos) destas próprias relações. Dessa forma, as pessoas, enquanto agentes econômicos, não são capazes de perceber a origem do valor das mercadorias e ficam presas à aparência destas relações sociais que lhes parecem coisas. Isto ocorre, porque

os trabalhos privados só atuam efetivamente como elos do trabalho social total, por meio das relações que a troca estabelece entre os produtos do trabalho e, por meio destes, também entre os produtores. A estes últimos, as relações sociais entre seus trabalhos privados aparecem como aquilo que elas são, isto é, não como relações diretamente sociais entre pessoas em seus próprios trabalhos, mas como relações reificadas entre pessoas e relações sociais entre coisas (MARX, 2013, p.148).

Em suma, o fetiche não vem do valor de uso, nem do valor. O fetiche vem da própria forma-mercadoria, vem do fato de que os indivíduos se relacionam apenas como proprietários das mercadorias e não mais como seres humanos. Primeiro, porque a igualdade de trabalho se esconde na igualdade de produtos de trabalho; segundo, porque o quanto de trabalho fica disfarçado no quanto de mercadoria; terceiro, porque a relação social entre os produtores assume a forma de relações entre coisas.

1.2. Gênese e incontrolabilidade do capital

Neste item buscamos demonstrar como desde sua origem o conceito de capital, de acordo com Marx, apresenta uma tendência expansiva, o que significa, nos termos de Pradella (2013, p. 120, tradução nossa), “a tendência do capital [...] em direção à dominação universal”. Outra interpretação sobre essa tendência refere-se à chamada “incontrolabilidade do capital” (MESZAROS, 2002).

No Capítulo IV do Livro I, Marx trata da transformação do dinheiro em capital. Por isso é importante enfatizar a contradição presente na função do dinheiro como meio de pagamento, pois

na medida em que os pagamentos se compensam, ele funciona apenas idealmente como moeda de conta ou como medida dos valores. Quando se trata de fazer um pagamento efetivo, o dinheiro não se apresenta como meio de circulação, como mera forma evanescente e mediadora do metabolismo, mas como a encarnação individual do trabalho social, existência autônoma do valor de troca, mercadoria absoluta (MARX, 2013, p.211).

Ou seja, segundo Teixeira (2007, p. 39), “o dinheiro só está plenamente constituído, para Marx, quando não é apenas meio (na circulação), apenas representante do valor, mas quando é ele próprio o valor por excelência, quando é o fim do processo”. Assim, o dinheiro é a “primeira forma de manifestação do capital” (MARX, 2013, p.223) e também é o seu objetivo (ou escopo da circulação do capital), isto é,

a finalidade do movimento não é a mercadoria (o valor de uso), como no circuito (M-D-M), caso contrário o dinheiro se opõe apenas como meio para se obter a mercadoria de que se necessita, é apenas um lubrificante das trocas, apenas moeda. Aqui, ele é a própria finalidade da circulação, no sentido da intenção dos agentes (TEIXEIRA, 2007, p.39-40).

Desta forma, é possível destacar que o conceito de capital trata de algo em movimento e não de um objeto estático. Esse algo em movimento, isto é, esse processo sempre se inicia com o dinheiro, “que deve ser transformado em capital mediante um processo determinado” (MARX, 2013, p. XXX). Tal processo pode ser, inicialmente, representado pela forma “D-M-D, conversão de dinheiro em mercadoria e reconversão de mercadoria em dinheiro, comprar para vender. O dinheiro que circula deste último modo, transforma-se, torna-se capital(...)” (MARX, 2013, p. 224).

Como é possível perceber, a forma D-M-D apresenta em ambos os extremos a forma dinheiro, isto é, as extremidades são idênticas qualitativamente e, para que tal

forma seja viável, é necessário que exista uma distinção quantitativa. Com base nisso, argumenta Marx:

Ao final do processo mais dinheiro é tirado da circulação do que nela fora lançado inicialmente. (...) A forma completa desse processo é, portanto, $DM-D'$, onde $D'=D + \Delta D$, isto é, a quantia de dinheiro inicialmente adiantada mais um incremento. Esse incremento, ou excedente sobre o valor original, chamo de mais valor (surplus value). O valor originalmente adiantado não se limita, assim, a conservar-se na circulação, mas nela modifica sua grandeza de valor, acrescenta a essa grandeza um mais valor ou se valoriza. E esse movimento o transforma em capital (MARX, 2013, p.227).

Dessa maneira, ocorre a transformação do dinheiro em capital e a criação do conceito de capital como um processo. E, de acordo com Marx (2013, p. 227), esse processo (que é o capital) constitui uma busca ou movimento insaciável cujo “objetivo é a valorização do valor”, dinheiro produzindo mais dinheiro. Marx destaca que

Ao fim do movimento, o dinheiro surge novamente como seu início. Assim, o fim de cada ciclo individual, em que a compra se realiza para venda constitui, por si mesmo, o início de um novo ciclo. (...) A circulação do dinheiro como capital é (...) um fim em si mesmo, pois a valorização do valor existe apenas no interior desse movimento sempre renovado. *O movimento do capital é por isso, desmedido.* (MARX, 2013, p.228, grifos nossos)

Diante disso, a estratégia do indivíduo possuidor de dinheiro que conscientemente busca o aumento incessante do valor (indivíduo chamado de capitalista) é o contínuo lançamento de dinheiro na circulação. Como afirma Marx (2013, p.229) “o valor de uso jamais pode ser considerado como finalidade imediata do capitalista. Tampouco pode sê-lo o lucro isolado, mas apenas o incessante movimento do lucro”. Além disso, Marx enfatiza que

Na circulação D-M-D (...) mercadoria e dinheiro funcionam apenas como modos diversos de existência do próprio valor: o dinheiro como seu modo de existência universal, a mercadoria como seu modo de existência particular (...). O valor passa constantemente de uma forma a outra, sem se perder nesse movimento, e, com isso, transforma-se no *sujeito automático do processo.* (...). Na verdade, porém, o valor se torna aqui, o sujeito de um processo em que ele, por debaixo de sua constante variação de forma, aparecendo ora como dinheiro, ora como mercadoria, altera sua própria grandeza e, como mais-valor, repele a si mesmo como valor originário valoriza a si mesmo. *Pois o movimento em que ele adiciona mais-valor é seu próprio movimento; sua valorização é, portanto, autovalorização (...).* (MARX, 2013, p. 229230).

Agora, nos detendo na criação de mais-valor, esta, de acordo com Marx, não pode ser explicada a partir da circulação. Isso ocorre porque “o capital não pode ter origem na circulação, tampouco pode não ter origem circulação. Ele tem de ter origem nela e, ao mesmo tempo, não ter origem nela” (MARX, 2013, p. 240). Para que tal

explicação seja plausível, de acordo com o autor mencionado, é preciso se pautar nas leis intrínsecas ao processo de troca de mercadorias.

A metamorfose do dinheiro em capital, a qual envolve, necessariamente, a criação do mais-valor, só é possível através de uma mercadoria especial, ou seja, uma mercadoria “cujo o próprio consumo fosse (...) objetivação de trabalho e, por conseguinte, criação de valor” (MARX, 2013, p. 241-242). Esta mercadoria é a força de trabalho. Como destaca Teixeira:

Quando a forma mercadoria atinge também a força de trabalho, ou seja, quando a própria força de trabalho se torna uma mercadoria como outra qualquer, o dinheiro torna-se capital, dinheiro que gera mais dinheiro, valor que se valoriza. O detentor de capital compra então a força de trabalho e os meios de produção, adquirindo-os no mercado pelos seus valores, e se apropria do valor do excedente que o valor de uso desta força de trabalho cria em seu consumo no processo produtivo: a mais-valia. O que sustenta o movimento do capital, então, é a produção real na qual se cria a mais-valia, cuja substância é o trabalho abstrato. (TEIXEIRA, 2007, p. 40-41)

Em suma, o capital, enquanto valor que visa sua constante valorização, tem, no modo de produção capitalista, sua mais adequada sustentação, que é o movimento contínuo e permanente do capital na busca do mais-valor.

2 TRAJETÓRIA DO MERCADO MUNDIAL NO LIVRO I

A teoria do valor-trabalho é o âmago da crítica da economia política formulada pelo Marx e, conseqüentemente, permeia toda a obra *O capital*. Sendo assim, buscamos, neste capítulo, averiguar se a categoria mercado mundial, entendida, segundo Saludjian, Miranda e Carcanholo (2015, p. 2) como “expressão da lei do valor”, já está presente nos níveis de abstração do Livro I de *O capital*.

Essa formulação é crucial para entender as raízes do desenvolvimento do sistema capitalista em sua totalidade e transcender a abordagem do comércio internacional elaborada pelos neoclássicos. Esta abordagem funciona como principal sustentação teórica para o crescente processo de integração do mundo (das diversas economias nacionais) pelo mercado, isto é, para a consolidação e manutenção da globalização neoliberal. Em síntese, tal abordagem, baseando-se na noção de equilíbrio internacional, defende que a relação de troca entre dois países, em um ambiente de livre-comércio, maximiza os benefícios para ambos (BAUMAN et al, 2015, p.22-23). Porém, apesar de a teoria do comércio internacional neoclássica ser a abordagem predominante no campo da economia, a dinâmica do capitalismo global contemporâneo tem revelado as limitações e insuficiências de tal abordagem pois, como aponta John Gray (1999, p.78):

A crescente interconexão da atividade econômica através do mundo acentua o desenvolvimento desigual entre diferentes países. Ela exacerba a dependência dos Estados em desenvolvimento “periférico”, como o México, em relação a investimentos originários de economias mais próximas do “centro” como os Estados Unidos. (GRAY, 1999, p. 78).

Portanto, dados os limites da teoria neoclássica, fundada sobre os pressupostos do valor-utilidade, em compreender o funcionamento do capitalismo global, necessitamos retornar à obra-prima de Marx para sugerir uma compreensão da gênese do desenvolvimento desigual. Ademais, devemos superar uma abordagem comum dentro do marxismo que atribui as evidências contidas nessa obra, principalmente no Livro I, como válidas para uma economia nacional fechada. De acordo com os autores que defendem essa abordagem, dentre os quais, segundo Pradella (2013,p.122), Lenin e Rosa Luxemburgo, “as leis gerais desenvolvidas por Marx não incorporam o mercado

mundial na medida em que sua análise demandaria uma série de mediações concretas, as quais seriam postas apenas em um nível mais avançado de exposição” (LEITE, 2017, p.189). Autores contemporâneos, como Gorender, Cipolla (2017) e Bensaid, seguem essa mesma abordagem.

Diante disso, para atingir o escopo deste capítulo recorreremos à obra de Pradella (2015), que, se baseando em escritos anteriores à redação de *O capital*, constrói uma interpretação sobre o desenvolvimento teórico presente na obra e argumenta que a categoria mercado mundial já está presente no nível de abstração do Livro I. Portanto, as leis de funcionamento do capitalismo expostas por Marx funcionariam em escala global.

2.1-A tendência universalizante do capital

Para mapearmos o papel da categoria mercado mundial e a sua conexão com a teoria valor-trabalho no curso do desenvolvimento teórico de *O capital* seguiremos os passos de Pradella (2015). Essa autora, num primeiro momento, mostra como Marx se apropriou de maneira crítica da economia política inglesa, principalmente dos escritos de David Ricardo, pois este autor “foi mais bem-sucedido que Smith em entender o processo concreto de acumulação de capital em escala mundial” (PRADELLA, 2015, p.27) e “foi capaz de entender a tendência de universalização do capital melhor que Sismondi” (PRADELLA, 2015, p.28). Isto posto, podemos notar que Ricardo foi o primeiro autor que conseguiu estabelecer uma conexão mais elaborada entre a teoria do valor-trabalho e as tendências expansivas do capital. Porém, apesar de ter pressuposto, como indica Pradella (2015, p. 27), a completa expansão do modo de produção capitalista e a completa imposição do livre mercado, ele naturalizou¹ o modo de produção capitalista e, assim, não conseguiu analisar de maneira adequada as tendências de universalização deste modo de produção.

Ricardo percebe o comportamento antagônico existente na relação do capital com o trabalho assalariado. Porque, ao reconhecer o valor como o trabalho necessário para a produção de mercadorias, esse autor identifica a distribuição desproporcional

¹ Ricardo naturaliza o modo de produção capitalista porque ele mantém a visão do Smith de que os seres humanos possuem uma propensão à troca, ou seja, a troca de mercadorias faz parte da natureza humana. E essa tendência humana é o que impulsiona a divisão do trabalho, sendo assim, essa perspectiva trata o modo de produção capitalista como aistórico escondendo aquilo que o Marx chamou de “acumulação primitiva”.

entre o valor produzido e o valor apropriado pelos trabalhadores na forma de salários. Ricardo, através da sua teoria da renda da terra, percebeu, de acordo com Pradella (2015, p. 28), o antagonismo entre os proprietários de terras e os capitalistas industriais, e identificou no crescimento dos preços das mercadorias primárias o fator principal que gera o declínio da taxa de lucro, tornando o expansionismo necessário para encontrar comida mais barata e matérias primas. Sendo assim,

como Ricardo reconheceu implicitamente no seu modelo das relações de comércio português-inglês, com base na teoria do valor-trabalho a concorrência entre capitais em diferentes nações opera da mesma maneira como a concorrência dentro de uma nação: isso permite concentração de produção na nação onde a mais elevada produtividade reduz o papel do trabalho vivo e, como uma consequência, o valor das mercadorias. No seu modelo, livre comércio – de mercadorias, e também de capital e trabalho – elimina as barreiras para a concentração e centralização do capital mais competitivo. (PRADELLA, 2015, p.28)

O modelo ricardiano das vantagens comparativas tenta demonstrar que o comércio internacional proporciona mais benefícios que uma situação de isolamento (BAUMAN; GONÇALVES, 2015, p.14), pois, com base na noção de eficiência relativa na produção², o comércio internacional possibilita a obtenção de mais produtos para cada economia. Por isso, Pradella (2015, p.28) destaca que

acumulação não estava confinada no nível nacional, mas, como Trotsky posteriormente pontuou, combinava o processo produtivo em diferentes países e gerava disparidade tanto dentro destes países como entre eles. Condições específicas em diferentes países não mais parecem ser naturalmente dadas, mas estavam relacionadas à dinâmica total da acumulação de capital (PRADELLA, 2015, p. 28).

No entanto, Ricardo considera o capital como móvel apenas no nível nacional, pois devido à dificuldade de deslocamento do aparato produtivo de um país para outro, estes países podem apenas trocar entre si aquilo que cada um produz internamente, ou seja, o produto do trabalho de 100 trabalhadores britânicos é trocado pelo produto do trabalho de 80 trabalhadores portugueses. Por isso, quando Ricardo aplica a teoria do valor-trabalho na determinação dos preços das mercadorias, ele analisa a determinação dos preços das mercadorias dentro de um mesmo país, e não no comércio internacional.

² Situação em que é impossível aumentar a produção de um item sem ter que reduzir a produção do outro (BAUMANN, 2015).

Ao pressupor a ausência de movimento do capital no nível internacional, a formação de uma taxa média de lucro, e a equalização dos valores em preços de produção tomam lugar somente no nível nacional. Isto acontece porque, na teoria de Ricardo, “a troca internacional não depende dos ‘preços naturais’ das mercadorias (isto é, seus valores), mas dos seus preços monetários expressos em ouro” (PRADELLA, 2015, p.30).

Diante disso, torna-se necessário analisar a teoria monetária de Ricardo. Em um primeiro momento este autor considera o valor do dinheiro como o valor de qualquer outra mercadoria, tendo como base a teoria do valor-trabalho. Entretanto, “quando ele confronta o movimento internacional dos metais preciosos, ele adota a visão oposta e invoca a teoria quantitativa da moeda, que assume que seu valor é determinado pelo seu volume na circulação doméstica” (PRADELLA, 2015, p. 30). De acordo com essa teoria, “quando o volume de ouro aumenta em relação à quantidade de mercadorias em circulação, os preços aumentam, e quando o volume de ouro cai, os preços caem” (PRADELLA, 2015, p. 30). Logo, o dinheiro é principalmente considerado moeda, ressaltando sua função como meio de circulação e ignorando suas outras funções.

Marx formulou sua crítica da teoria quantitativa da moeda com base nos estudos dos economistas James Steuart e Thomas Tooke. O primeiro economista conseguiu identificar as leis gerais de circulação do dinheiro e as suas diversas funções, além disso, destacou a diferença entre moeda e dinheiro. Já o segundo economista,

questionou a relação causal entre preços e quantidades dos meios de circulação, provando que, dado um volume estável de metais preciosos, expansão e contração dos meios de circulação eram sempre um efeito, nunca uma causa das flutuações dos preços. Não era a quantidade de dinheiro circulante que determinava os preços das mercadorias, mas o somatório dos preços que determinavam o volume de dinheiro (PRADELLA, 2015, p. 96).

Deste modo, segundo Pradella, as funções do dinheiro não estavam restritas às de meios de circulação, mas incorporavam também as funções de entesouramento, meios de pagamento e dinheiro mundial. Outro economista que contribuiu para a crítica da teoria quantitativa da moeda elaborada por Marx foi William Blake, pois, na visão dele, “o movimento internacional do dinheiro era sempre secundário; suas raízes são colocadas pelo movimento internacional das mercadorias ” (PRADELLA, 2015, p. 97). Com base nesses estudos, Marx percebe a relevância dos fatores reais, como variações na produtividade, para a determinação dos preços. E, ao reconhecer a função do dinheiro

como meio de pagamento, ele vislumbra a capacidade do dinheiro se tornar capital (LEITE, 2017, p. 197).

Além disso, a crítica da teoria quantitativa da moeda elaborada por Marx foi fundamental, de acordo com Pradella (2015, p.98), pois essa crítica o permitiu superar a teoria do comércio internacional ricardiana e analisar a circulação geral das mercadorias no âmbito do mercado mundial, ou seja, Marx conseguiu incorporar no seu estudo sobre o capitalismo a “tendência universalizante do capital”. Marx deixa explícita essa tendência ao afirmar que:

O comércio entre comerciantes e comerciantes na Inglaterra, por exemplo, não é limitado pelo comércio entre comerciantes e consumidores na Inglaterra, mas, mais ou menos, pelo comércio entre comerciantes e consumidores no mercado mundial como um todo. Se o comércio é universal, ele é limitado pelo comércio entre comerciantes e consumidores no mercado mundial. (MARX apud PRADELLA,2015,98)

Assim, a produção capitalista está condicionada pela capacidade de consumo mundial, e não apenas pela capacidade interna de consumo de um determinado país. Marx conseguiu perceber essa relação por considerar o papel dos fatores reais sobre a balança comercial, isto é, ele percebeu a influência da produtividade sobre as exportações e importações (LEITE,2017, p.197).

2.2-Do dinheiro mundial à acumulação de capital

A partir deste tópico, iremos analisar como Marx conduz a sua crítica da economia política a partir da ascensão de níveis de análise mais abstratos, os quais contêm as categorias do valor, trabalho e troca, para níveis mais concretos, como o da acumulação do capital, que incorpora, concretamente, a categoria mercado mundial. Ao identificar, nos Grundrisse, o trabalho universal como substância do valor de todas as mercadorias em circulação, Marx parte de uma esfera de circulação em que desconsidera a existência de fronteiras e/ou barreiras à circulação, e não simplesmente da circulação doméstica. Dessa forma, ele identifica o mercado mundial como expressão da totalidade das relações econômicas dentro do modo de produção capitalista. Nas palavras do Marx:

Nessa primeira seção, em que são considerados valor de troca, dinheiro, preço, as mercadorias sempre aparecem como dadas. A determinação formal é simples. Sabemos que elas exprimem determinações da produção social, mas a própria produção social é pressuposta. Mas não são postas nessa

determinação. Dessa maneira, a primeira troca aparece, na verdade, como troca exclusivamente do supérfluo, que não submete nem determina a totalidade da produção. É o excedente existente de uma produção global, que se situa fora do mundo dos valores de troca. Da mesma forma, também na sociedade desenvolvida as coisas se apresentam na superfície como mundo de mercadorias existente. Mas essa própria superfície aponta para além de si mesma, para relações econômicas que são postas como relações de produção. Por isso, a articulação interna da produção constitui a segunda seção; sua síntese no Estado, a terceira; a relação internacional, a quarta; o mercado mundial, a conclusão, em que a produção é posta como totalidade, assim como cada um de seus momentos; na qual, porém, todas as contradições simultaneamente entram em processo. O mercado mundial, portanto, constitui ao mesmo tempo o pressuposto e o portador da totalidade. As crises são, nesse caso, a indicação universal para além do pressuposto e o impulso para a adoção de uma nova configuração histórica (MARX,2011,p.170 apud LEITE,2017, p.198).

Marx, nesta passagem, explicita sucintamente a historicidade do capitalismo e o papel do mercado mundial em sua obra, pois ele observa que a mercadoria, enquanto forma germinal do produto social capitalista, se manifesta como elemento gerador da produção social, contudo a mercadoria não pode desempenhar plenamente esse papel porque a finalidade da produção social não consiste na obtenção de mero valor de uso. Ora, se a “enorme coleção de mercadorias” – uma expressão que consta no primeiro parágrafo do Livro I de O capital –, entendida como a forma aparente da riqueza no modo de produção capitalista, não é a finalidade da produção social, então qual seria? Uma tentativa de resposta à essa questão será dada nas considerações finais deste estudo.

Por enquanto, gostaríamos de frisar que, no trecho anterior, Marx mostra como a produção de bens na sociedade capitalista se distingue da produção de bens das sociedades que antecederam esse modo de produção, pois diferentemente das sociedades precedentes, no capitalismo a troca, e conseqüentemente a contradição imanente à mercadoria (valor de uso e valor), é o fator que submete e determina a totalidade das relações de produção. Esse fator determinante (a troca) possui um caráter estranhado e uma contradição intrínseca que permeiam toda dinâmica do modo de produção capitalista (DUAYER, 2008,). A mercadoria como unidade elementar da troca carrega uma contradição entre o caráter social e o caráter privado da produção capitalista e essa contradição se faz presente em cada momento da produção contribuindo para o surgimento de outras contradições (PRADO, 2016). Diante disso, quando Marx afirma que o mercado mundial “constitui ao mesmo tempo o pressuposto e o portador da totalidade”, ele está colocando o mercado mundial como expressão da

lei do valor, pressuposto de uma contradição elementar, e como expressão máxima do conjunto de leis que configuram o modo produção capitalista, portador ou lugar de todas as contradições. Com base nisso, é possível observar que o mercado mundial não é apenas o lugar específico em que as trocas se realizam, esse mercado é composto pela totalidade das trocas presentes no sistema capitalista. Ao superar a análise do imediatamente existente, Marx observa que o mundo das mercadorias não é apenas aquilo que mostra ser (o que se apresenta), mas consiste em um emaranhado de relações contraditórias das quais as crises constituem o ápice. Ou seja, as crises são o maior indicio das relações conflitantes presentes no capitalismo, porém essas relações são ocultadas pela superfície do mundo das mercadorias.

Sendo assim, o mercado mundial, enquanto lócus geral das compras e vendas, representante da totalidade das trocas mercantis, é o pressuposto da produção capitalista porque tudo aquilo que é produzido é levado ao mercado para, através deste, estabelecer relações entre os sujeitos (como compradores e vendedores). Além disso, o referido lócus é também a marca histórica dessa produção. Em outras palavras, o mercado mundial é o traço que tipifica o capitalismo e o distingue dos demais modos de produção, como explica Bonente:

as trocas (e a conseqüente transformação do produto do trabalho em mercadoria) também são resultado de um processo histórico, que certamente envolve o contato entre sociedades não mercantis, pois a troca não pode emergir na prática social de indivíduos imersos em relações de produção nas quais o produto não tivesse a troca como meio de distribuição. Apenas posteriormente, com o desenvolvimento das relações de comércio, as trocas penetram no seio das comunidades e se transformam na forma dominante de articulação entre os produtores. Por isso, podemos intuir que o comércio de longa distância põe as condições para o surgimento do comércio local e o precede historicamente (BONENTE, 2016, p.12).

Sendo assim, é possível notar que o capital não pode permanecer confinado nos limites de uma economia doméstica. Isso ocorre porque a tendência autoexpansiva do capital, isto é, sua tendência universalizante, torna necessária a incorporação de áreas cada vez mais extensas ao seu limite de operação e, devido à sua própria natureza, “precisa ir além de qualquer barreira espacial, criar condições objetivas para ampliação das trocas e conquistar o mundo como seu mercado” (BONENTE, 2016, p.66). Nas palavras de Marx:

Quanto mais a produção se baseia no valor de troca e, em consequência, na troca, tanto mais importantes se tornam para ela as condições físicas da troca – meios de comunicação e transporte. É da natureza do capital mover-se para além de todas as barreiras espaciais. A criação das condições físicas da troca – de meios de comunicação e transporte – devém uma necessidade para o capital em uma dimensão totalmente diferente – a anulação do espaço pelo tempo. (MARX, 2011, p. 445 et seq.; apud BONENTE, ANO, p.66)

Essa tendência autoexpansiva foi sistematicamente incorporada na análise da acumulação capitalista presente no Livro I d'O capital e vai de encontro com a identidade entre mercado mundial e totalidade, ou seja, com a noção do mercado mundial como portador da totalidade. Essa noção de totalidade está diretamente vinculada ao método de investigação marxiano, pois a totalidade “constitui a reprodução ideal do realmente existente” (LUKÁCS, 2012, p.291 ; apud LEITE, 2017, p. 199).

Ademais, a noção de totalidade possibilita uma compreensão mais apurada da dinâmica da economia capitalista e contribui para a desmistificação da naturalização dessa economia. No seguinte trecho Lukács sintetiza a relevância desse processo de abstração:

A economia marxiana, ao contrário[da ciência burguesa], parte sempre da totalidade e volta a desembocar na totalidade. Como já expusemos, o tratamento central e, sob certos aspectos, frequentemente imanente dos fenômenos econômicos encontra seu fundamento no fato de que neles deve ser buscada e encontrada a força motriz, em última análise, decisiva do desenvolvimento social em seu conjunto (LUKÁCS, 2012, p.291 ; apud LEITE, 2017, p. 199).

Tendo em vista a importância dos fenômenos econômicos para o “desenvolvimento social em seu conjunto”, a categoria mercado mundial desempenha papel de destaque porque conecta os níveis mais abstratos da obra O capital às categorias que estão presentes nos níveis mais concretos de análise. Isto posto, Leite (2017) enfatiza que:

Entender o mercado mundial como momento onde a produção é subjugada à troca permite compreendê-lo, também, como o momento onde a produção capitalista sobrepõe-se sobre outros modos de produção(...). O comércio, portanto, é um pressuposto e um momento da produção: produz-se para a troca. Por isso o valor não é criado na circulação, mas na produção(...). O mercado mundial marca o momento onde esse processo de valorização - de abstração do trabalho humano - se torna a norma das relações sociais, isto é, o trabalho abstrato se sobrepõe universalmente ao trabalho concreto no âmbito do mercado mundial. (LEITE, 2017, p.200)

Os intérpretes da obra O capital que consideram que essa obra trata de uma economia fechada, sem conexão com a esfera internacional, ficam presos ao plano de redação de seis livros em que Marx pretendia desenvolver sua crítica da economia

política (LEITE, 2017). Eles não percebem que o método de investigação do Marx e a noção de totalidade, presente desde o Livro I, já incorporam o mercado mundial.

A universalização do modo de produção capitalista atribui ao dinheiro o papel de equivalente universal. Como foi dito anteriormente, no corpo teórico de *O capital* o dinheiro é derivado da análise da forma mercadoria, pois a dupla natureza do trabalho contida na mercadoria contribui para formação da unidade entre valor de uso e valor de troca. Assim, o trabalho expresso no valor de troca é abstrato e indiferenciável, isto é, trabalho no qual a individualidade do trabalhador desaparece. Com a generalização do trabalho assalariado, a redução do indivíduo a trabalho indiferenciável e socialmente necessário se impõe progressivamente na produção (Pradella, 2015, p.142). Desse modo, a dupla natureza das mercadorias implica a necessidade de transferir a posse delas para as mãos de outrem e implica também a possibilidade dessa transferência não se realizar. Por isso, a forma mercadoria já contém, para Marx, a inteira contradição do modo de produção capitalista como um todo (Pradella, 2015, p.142). Ao analisar a forma mercadoria Marx observa que, na troca, as mercadorias elegem uma mercadoria específica, ouro, que, enquanto medida de valor, se comporta como equivalente universal e expressa os valores das demais mercadorias. O caráter comensurável das mercadorias como tempo de trabalho objetificado transforma ouro em dinheiro (Pradella, 2015, p.142).

A dupla natureza da mercadoria, portanto, desenvolve-se e cristaliza-se na forma de moeda e de dinheiro. Sendo esta mudança representada nos diferentes circuitos M-DM e D-M-D. O primeiro circuito mostra a forma imediata da circulação em que o dinheiro aparece como um simples meio de circulação de valores de uso. Muitos economistas clássicos tomam esse circuito como uma unidade entre compra e venda e fundamentam a teoria quantitativa da moeda a partir desse entendimento. Todavia, como Marx destaca em sua crítica à teoria quantitativa da moeda, a própria circulação de mercadorias (e a possível unidade entre compras e vendas) se expressa na circulação do dinheiro. Em vista disso, Pradella afirma que:

O volume de ouro na circulação, para Marx, depende dos preços das mercadorias em circulação e da velocidade da circulação; a massa dos meios metálicos de circulação é variável, e ouro entra ou existe na circulação de acordo com a necessidade. As funções do dinheiro, portanto, não podem ser reduzidas para aquela de meios de circulação: até mesmo como símbolo de valor dinheiro pressupõe entesouramento, que, para Marx, não pertence a circulação (Pradella, 2015, p.143).

O circuito D-M-D comporta as relações de produção mais desenvolvidas. Nesse circuito, o dinheiro aparece como dinheiro, isto é, como o verdadeiro objetivo da circulação que, por esse motivo, só faz sentido na fórmula D-M-D'. Isso implica, de acordo com Pradella (2015, p.144), na inversão do circuito da mercadoria dentro do circuito do capital. Portanto,

Todas as mercadorias, nos seus preços, representam ouro, que é o representante material da riqueza abstrata(...). Moeda torna-se dinheiro assim que seu movimento é interrompido, sua circulação constante, além disso, é baseada no entesouramento, que não é apenas a primeira forma histórica na qual riqueza social abstrata foi mantida mas também uma condição permanente da circulação. Com contratos de troca ["bills of exchange"], mais ainda, compradores e vendedores tornam-se devedores e credores nas bases dos contratos legalmente obrigatórios, e dinheiro pode funcionar (...), revelando a si mesmo como uma mercadoria absoluta dentro da circulação. (Pradella, 2015, p.144)

Ao permitir que os volumes de transações simultâneas se ampliem sem serem restringidas por um dado estoque de dinheiro, verifica-se que "dinheiro como um meio de pagamento é a base do sistema de crédito" (Campbell apud Pradella, 2015, p.144). Essa função do dinheiro amplia seu espectro de atuação conforme a produção capitalista se desenvolve e, conseqüentemente, se intensificam as relações comerciais entre as nações. Em vista disso,

Ao deixar a circulação doméstica e funcionar como dinheiro mundial, para Marx, dinheiro "retorna para sua forma originária natural" mudando "as formas particulares ocasionadas pelo desenvolvimento da troca dentro de áreas particulares" (Marx). Neste nível, ouro e prata não aparecem como meios de circulação, mas como meios universais de troca, como meios de compra e pagamento. Mercadorias revelam seus valores de troca, seu ser como uma materialização do trabalho abstrato, e tornam-se adequadas para sua essência como dinheiro mundial. (Pradella, 2015, p.144)

A função meio de pagamento reforça o papel do dinheiro como dinheiro mundial, isto é, "como meio universal de troca". O circuito D-M-D, portanto, possibilita a transição do valor, enquanto "materialização do trabalho abstrato", para o capital, entendido como o contínuo movimento em que o valor se autovaloriza (D-M-D'). O dinheiro mundial é a mercadoria que ratifica o trabalho humano abstrato e, conseqüentemente, as trocas no âmbito do mercado. Sendo assim, "o papel do dinheiro

mundial é universalizar a possibilidade lógica e histórico-concreta do capital”, além disso, é possível observar que

a análise do desdobramento da forma valor no primeiro capítulo de O capital - desde a forma valor simples até a forma-dinheiro – pressupôs que a mercadoria-dinheiro elegida como tal fosse a mercadoria que assume a função de dinheiro mundial. Conclui-se desse raciocínio que a análise das formas de valor foi conduzida por Marx no nível de abstração do mercado mundial” (Leite,2017, p.201).

Esse raciocínio pode ser verificado na seguinte passagem:

Se o trabalho excedente ou mais-valia se configurasse apenas em produto excedente nacional, o aumento do valor pelo valor e em consequência a extorsão de trabalho excedente encontrariam um limite na estreiteza, no reduzido elenco de valores de uso em que se apresenta o valor do trabalho nacional. Mas é o comércio exterior que desenvolve a verdadeira natureza do produto excedente como valor, ao fazer o trabalho nele contido como trabalho social configurar-se numa série ilimitada de diferentes valores de uso, e ao dar realmente sentido à riqueza abstrata

[...]

Mas só o comércio exterior, a transformação do mercado em mercado mundial, faz o dinheiro evoluir para dinheiro mundial e o trabalho abstrato para trabalho social. A riqueza abstrata, valor, dinheiro, e em consequência o trabalho abstrato desenvolvem-se na medida em que o trabalho concreto se torna uma totalidade – que abrange o mercado mundial - de maneiras diferentes de trabalho. A produção capitalista assenta no valor ou na conversão do trabalho contido no produto, em trabalho social. Mas isso só é possível na base do comércio exterior e do mercado mundial. E constitui pressuposto e ao mesmo tempo resultado da produção capitalista. (Marx, 1980, p.1302-3apud Leite,2017, p.201-202)

O movimento de autovalorização do valor adquire uma nova potência por meio do comércio externo, ou seja, o comércio exterior possibilita uma equiparação entre os mais-produtos de diferentes nações, isso acirra a concorrência e impulsiona o movimento do capital. Como o trabalho privado contido no produto excedente (maisproduto) de cada nação é transformado em trabalho social na medida em que este constitui trabalho humano objetificado nas mercadorias que são postas à venda no mercado e este inclui necessariamente o comércio exterior, o mercado mencionado anteriormente é o mercado mundial, base de sustentação da produção capitalista.

Para um melhor entendimento disso, torna-se necessário um exame mais aprofundado do processo de produção do capital, isto é, identificar sua origem (como o capital é produzido) e a sua contínua reprodução (como o capital produz). Nesse contexto, Marx (2013, p.242) observa que a transformação do dinheiro em capital só pode ocorrer por meio do consumo da força de trabalho, pois esta é a única mercadoria

em que o próprio valor de uso possui a capacidade de criar valor. Logo, o consumo desse valor de uso contribui simultaneamente para a produção das mercadorias e para a geração do mais-valor. Com base nisso, infere-se que, no modo de produção capitalista, o trabalho³ subordina-se ao capital, como fica patente na seção dedicada à produção do mais-valor relativo. O processo de trabalho, entendido como “condição natural da vida humana”, se faz presente em todos os modos de produção anteriores ao capitalismo, mas é neste último que o trabalho humano se submete a uma lógica (do capital) em que o próprio ser humano perde a capacidade de reconhecer qual é a finalidade dessa lógica, porque ele conhece apenas parte do processo. Marx destaca que o processo de trabalho nesse contexto revela dois fenômenos:

O trabalhador labora sob o controle do capitalista, a quem pertence seu trabalho. (...)

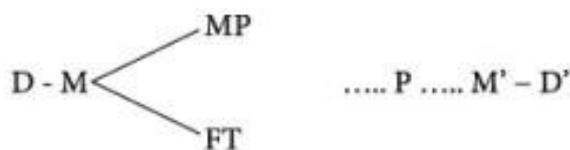
Em segundo lugar, porém, o produto é propriedade do capitalista, não do produtor direto, do trabalhador. O capitalista paga, por exemplo, o valor da força de trabalho por um dia.(...) Ao comprador da mercadoria pertence o uso da mercadoria, e o possuidor da força de trabalho, ao ceder seu trabalho, cede, na verdade, apenas o valor de uso de sua força de trabalho, portanto, seu uso, o trabalho, pertence ao capitalista. Mediante a compra da força de trabalho, o capitalista incorpora o próprio trabalho, como fermento vivo, aos elementos mortos que constituem o produto e lhe pertencem igualmente. De seu ponto de vista, o processo de trabalho não é mais do que o consumo da mercadoria por ele comprada, a força de trabalho, que, no entanto, ele só pode consumir desde que lhe acrescente os meios de produção. O processo de trabalho se realiza entre coisas que o capitalista comprou, entre coisas que lhe pertencem. (MARX, 2013, p. 262-263)

Esses fenômenos ressaltam o antagonismo gerado pelas condições históricas de existência do capital, ou seja, o capital apenas “surge quando o possuidor de meios de produção e de subsistência encontra no mercado o trabalhador livre como vendedor de sua força de trabalho” (MARX, 2013, p.245). Diante desse quadro, os valores de uso produzidos pelos trabalhadores não visam o consumo imediato, a subsistência, mas se comportam como meros suportes do valor de troca. Esses trabalhadores, enquanto

³ Marx propõe uma diferenciação entre trabalho e força de trabalho. De acordo com ele, o trabalho ou processo de trabalho “é uma atividade orientada a um fim- a produção de valores de uso-, apropriação do elemento natural para satisfação de necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre homem e natureza, perpétua condição natural da vida humana e, por conseguinte, independente de qualquer forma particular dessa vida, ou melhor comum a todas as suas formas sociais”(Marx,2013,p.261) Já a força de trabalho é um valor de uso que pode ser vendido no mercado, pois como afirma Marx: “ O que caracteriza a época capitalista é, portanto, que a força de trabalho assume para o próprio trabalhador a forma de uma mercadoria que lhe pertence, razão pela qual seu trabalho assume a forma do trabalho assalariado. Por outro lado, apenas a partir desse momento universaliza-se a forma mercadoria dos produtos do trabalho. ” (Marx,2013, p.245). Todavia, esse autor reconhece que “a utilização da força de trabalho é o próprio trabalho” (Marx,2013, p.255), ou seja, a mercadoria força de trabalho é o trabalho humano condicionado pela dinâmica de produção capitalista.

sujeitos livres e despojados dos meios de produção, oferecem no mercado a única coisa que lhes resta, sua força de trabalho. Eles constituem um polo do antagonismo criado pelo capital, o outro polo é formado pelos possuidores de dinheiro, capitalistas. Estes são responsáveis pela gestão do processo produtivo e são os donos dos meios de produção e da força de trabalho empregados em tal processo. É no âmbito da produção que os capitalistas usufruem das mercadorias que lhes pertencem, eles fazem isso com a finalidade de obter mais dinheiro do que aquele investido na compra de tais mercadorias, ou seja, os capitalistas realizam um consumo produtivo cujo alvo é um determinado nível de lucratividade. Isso implica na fórmula geral do capital, como visto anteriormente, $D-M-D'$, em que o capitalista começa o processo produtivo desembolsando D com a compra dos meios de produção (MP) e força de trabalho (FT) e finaliza com a venda das mercadorias geradas por tal processo adquirindo D' . Essa fórmula pode ser representada pela seguinte estrutura:

Figura 1: Esquema de reprodução do capital



Fonte: MOHUN(p.80)

Nessa estrutura $D' = D + \Delta D$, ou seja, D' corresponde à soma do dinheiro investido no início do processo produtivo mais um “excedente sobre esse valor”. Esse excedente é representado por ΔD e é aquilo que Marx chama de mais-valor. No primeiro ato de compra, $D-M$, o capitalista toma posse da FT e dos MP e combina estas mercadorias num processo produtivo (...P....) que gera uma nova mercadoria com valor aumentado, M' , isto é, acrescido de mais-valor, que é posta à venda no mercado pelo valor D' , o qual retorna para as mãos do capitalista caso a venda se concretize.

Por conseguinte, a atividade produtiva sob a dinâmica capitalista é formada pelo processo de trabalho e pelo processo de valorização. O valor da mercadoria é proveniente do tempo de trabalho socialmente necessário incorporado na produção desse valor de uso, ou seja, a produção das mercadorias consiste na materialização de jornada (s) de trabalho. O capitalista só identifica a força de trabalho como fonte de mais-valor quando ele percebe que o prolongamento do processo de trabalho não exige

como contrapartida o aumento do valor da força de trabalho. Este valor corresponde, de acordo com Marx (2013, p.269), aos “meios de subsistência necessários à produção diária da força de trabalho” que custam, no exemplo do autor, meia jornada de trabalho. Apesar dessa quantidade de jornada de trabalho ser o suficiente para recompor a energia diária do trabalhador, nada o impede de trabalhar por uma jornada inteira. Seguindo a exemplificação disso elaborada por Marx em *O capital*: uma jornada de trabalho equivale a 12 horas, todavia metade dessa jornada já contém o que o trabalhador necessita para arcar com os custos da sua manutenção diária, isto é, o valor da força de trabalho corresponde a 6 horas de trabalho, portanto, ao continuar trabalhando por mais seis horas o trabalhador cria um valor extra sem ser remunerado por isso. Em outras palavras, ao prolongar o consumo produtivo da força de trabalho, o capitalista prolonga a jornada de trabalho aumentando o valor do produto final sem pagar pelo consumo adicional da mercadoria (força de trabalho) que criou esse excedente de valor. O tempo da jornada de trabalho em que o trabalhador cria esse excedente apropriado pelo capitalista é chamado por Marx de “tempo de trabalho excedente” e o tempo da jornada de trabalho em que o trabalhador despende energia para adquirir os “meios de subsistência necessários à sua manutenção” é chamado por esse autor de “tempo de trabalho necessário” (MARX, p.292-293,2013). Assim, Marx observa que o processo de valorização, como extensão do processo de formação do valor⁴, é mediado pela circulação porque ocorre tanto dentro como fora dessa esfera. Em outras palavras, o processo de valorização se inicia com a compra da força de trabalho, mas sua efetivação ocorre na esfera da produção. Marx salienta que:

Ao transformar o dinheiro em mercadorias, que servem de matérias para a criação de novos produtos ou como fatores do processo de trabalho, ao incorporar força viva de trabalho à sua objetividade morta, o capitalista transforma o valor – o trabalho passado, objetivado, morto- em capital, em valor que se autovaloriza, um mostro vivo que se põe a “trabalhar” como se seu corpo estivesse possuído de amor. (MARX, p.271,2013)

⁴ Nos termos de Marx: “Ora, se compararmos o processo de formação de valor com o processo de valorização, veremos que este último não é mais do que um processo de formação de valor que se estende para além de certo ponto. Se tal processo não ultrapassa o ponto em que o valor da força de trabalho pago pelo capital é substituído por um novo equivalente, ele é simplesmente um processo de formação do valor. Se ultrapassa esse ponto, ele se torna processo de valorização.” (Marx, p.271,2013) ⁵ “Meios de produção, de um lado, e força de trabalho, de outro, não são mais do que diferentes formas de existência que o valor do capital originário assume ao se despojar de sua forma-dinheiro e se converter nos fatores do processo de trabalho.” (Marx, p.286,2013)

Nessa passagem, Marx enfatiza a unidade existente entre os processos de trabalho e de valorização presente na “forma capitalista de produção de mercadorias”. Nesta forma de produção o processo de trabalho simultaneamente amplia e conserva valor, pois o capitalista combina meios de produção e força de trabalho como fatores do processo de produção em que o caráter útil do trabalho incorpora no produto final os valores contidos nos meios de produção, ou seja, a qualidade específica e concreta do trabalho adicionado na produção conserva os valores antigos dos meios de produção no produto (MARX,p.278,2013). Já o caráter abstrato do trabalho, enquanto trabalho social em geral, adiciona valor aos antigos valores dos meios de produção através de uma jornada de trabalho, isto é, devido ao tempo de duração e a quantidade de trabalho inseridos no processo produtivo é adicionado um novo valor nos meios de produção (MARX, p. 278, 2013).

Por isso, Marx descreve os fatores do processo de produção como componentes do capital no processo de valorização e denomina esses fatores de acordo com os papéis que eles desempenham em tal processo⁵. Assim, os meios de produção, entendidos como a parte do capital cuja grandeza de valor é conservada e incorporada no produto final, são denominados por Marx de capital constante. E a força de trabalho, entendida como a parte do capital capaz de modificar seu próprio valor e conseqüentemente criar maisvalor no processo de produção, é denominada por Marx de capital variável (MARX, p.286,2013).

Diante disso, é importante ressaltar que o capital, para Marx, é um processo de valorização insaciável cuja dinâmica é determinada principalmente pelo uso da força de trabalho, o qual pressupõe sua compra e venda, sendo portando uma relação social entre a classe trabalhadora e a classe capitalista. O caráter dessa relação social se torna ainda mais explícito quando Marx descreve a taxa de mais-valor⁵ como “a expressão exata do grau de exploração da força de trabalho pelo capital ou do trabalhador pelo capitalista”. Como essa taxa é determinada pela proporção de tempo de mais-trabalho em relação ao tempo de trabalho necessário, a disputa entre trabalho e capital pode ser expressa pelos limites da jornada de trabalho. Como Marx (p.309, 2013) afirma, a definição dos limites

⁵ “Como, por um lado, o valor do capital variável é igual ao valor da força de trabalho por ele comprada, e o valor dessa força de trabalho determina a parte necessária da jornada de trabalho, enquanto o mais-valor, por outro lado, é determinado pela parte excedente da jornada de trabalho, concluímos que o mais-valor está para o capital variável como o mais trabalho está para o trabalho necessário, ou, em outras palavras, que a taxa de mais-valor $m/v = (\text{mais-trabalho})/(\text{trabalho necessário})$.”(Marx,p.294,2013)

dessa jornada faz parte de um processo histórico em que o conjunto dos capitalistas (classe capitalista) busca “prolongar o máximo possível a jornada de trabalho”, mas encontra como obstáculo o direito do trabalhador, como vendedor da mercadoria força de trabalho, de querer “limitar a jornada de trabalho a uma duração normal determinada”. O capitalista em busca de obter uma taxa de mais-valor cada vez mais elevada põe em curso um movimento que ele mesmo desconhece (não consegue controlar), pois a avidez por mais-trabalho faz parte do caráter da produção de mercadorias no capitalismo.

Os limites da jornada de trabalho não podem ser definidos exclusivamente pelo capitalista. Por isso, ao ser estabelecida a duração de uma jornada de trabalho, e supondo constante a intensidade do trabalho, o capitalista adota um novo método para extrair a taxa de mais-valor desejada, ao invés de aumentar indefinidamente os limites da jornada de trabalho ele agora modifica a proporção entre o tempo de trabalho necessário e o tempo de mais-trabalho. Como salienta Marx (p. 389, 2013): “dada a duração da jornada de trabalho, o prolongamento do mais-trabalho tem de resultar da redução do tempo de trabalho necessário”. Essa mudança nos componentes da jornada de trabalho decorre da elevação da força produtiva do trabalho, pois esta permite “uma alteração no processo de trabalho por meio da qual o tempo de trabalho socialmente necessário para a produção de uma mercadoria é reduzido, de modo que uma quantidade menor de trabalho é dotada da força para produzir uma quantidade maior de valor de uso” (MARX, p.389,2013). Assim, ao transformar as condições do processo de trabalho e da produção o capitalista aumenta a produtividade do trabalho sem precisar aumentar os salários dos trabalhadores. Na verdade, o aumento da força produtiva nos setores que produzem as mercadorias necessárias à reprodução dos trabalhadores, reduz o valor da força de trabalho. Com base nisso, Marx faz a seguinte afirmação:

O mais-valor obtido pelo prolongamento da jornada de trabalho chamo de mais-valor absoluto; o mais-valor que, ao contrário, deriva da redução do tempo de trabalho necessário e da correspondente alteração na proporção entre as duas partes da jornada de trabalho chamo de mais-valor relativo. (MARX, p.390, 2013)

Com a universalização do modo de produção capitalista, se generaliza a tendência ao aumento de produtividade, em função da concorrência. Além disso, de acordo com Marx (p.394,2013), o aumento da força produtiva é uma tendência imanente do capital e se relaciona diretamente com o mais-valor relativo, pois este “aumenta na proporção

direta do desenvolvimento da força produtiva do trabalho”. Logo, a tendência de universalização da produção capitalista é assegurada e efetivada pelo constante aumento da força produtiva do trabalho que, por sua vez, simultaneamente condiciona o processo do trabalho (trabalho social) e contribui para configuração do mercado mundial.

Diante disso, podemos agora observar o papel que Marx atribui ao mercado mundial em um nível de análise mais concreto. Ao elaborar sua teoria da acumulação Marx descreve a acumulação como “a reprodução do capital em escala progressiva” e faz a seguinte afirmação em uma nota de rodapé:

Abstraímos, aqui, do comércio de exportações, por meio do qual uma nação pode converter artigos de luxo em meios de produção ou de subsistência e vice-versa. Para conceber o objeto da investigação em sua pureza, livre de circunstâncias acessórias perturbadoras, temos de considerar, aqui, o mundo comercial como uma nação e pressupor que a produção capitalista se consolidou em toda parte e apoderou-se de todos os ramos industriais. (MARX,2013, p.656)

Nessa nota Marx coloca em evidência o papel do mercado mundial como totalidade das relações de troca no capitalismo. Tendo como base a tendência universalizante do capital e, conseqüentemente, a propagação do modo de produção capitalista para todas as partes, Marx abstrai o “comércio de exportações” e considera “o mundo comercial como uma nação”, pois neste nível de abstração ele busca identificar o determinante essencial do processo de reprodução do capital em escala global. Para alcançar esse objetivo, Marx coloca à parte o comércio exterior neste momento da análise, porque esse comércio apresenta determinações (taxas de câmbio, distintas políticas, tarifas, enfim, todas as determinações relacionadas à existência das fronteiras nacionais) que, embora sejam importantes, não são cruciais para o entendimento do processo de reprodução do capital. Assim, toma uma nação em abstrato, como a representação das relações econômicas livres de “circunstâncias acessórias perturbadoras” que se manifestam no mercado mundial. Neste nível de abstração, o mercado mundial (“o mundo comercial como uma nação”) é capaz de exprimir algo essencial presente em todas as nações que estão sob a dinâmica do modo de produção capitalista. Esse algo essencial presente em todas as nações e imposto pela reprodução do capital em escala global é aquilo que Marx chama de “lei geral da acumulação capitalista”. A abstração do “comércio de exportações”, como afirma Pradella:

É a única forma de conceituar o mercado mundial, o qual inclui os mercados internos e externos de todas as nações participantes dele. Esta abstração, de fato, permite que as relações globais de produção sejam levadas como ponto de início da análise, introduzindo subsequentemente as categorias específicas necessárias para analisar a multiplicidade dos estados. Com o objetivo de entender a economia mundial como totalidade, e não como uma soma de unidades nacionais, de fato, isso é necessário primordialmente para identificar a lógica total de desenvolvimento do sistema. (PRADELLA, p.147, 2015)

A acumulação nada mais é do que “a aplicação do mais-valor como capital”. Portanto, a acumulação expressa a contínua repetição da fórmula D-M-D’ em que “o capitalista consegue vender a mercadoria produzida e reverter em capital o dinheiro com ela obtido” (MARX, p.640,2013). Ou seja, ao se apropriar do mais-valor gerado no processo de produção o capitalista utiliza esse mais-valor para iniciar um ciclo D-M-D’ e, conseqüentemente, obter um novo mais-valor. Esse processo configura a reprodução do capital em escala ampliada na qual o capitalista repete sempre as mesmas fases do ciclo D-M-D’ perseguindo incansavelmente um mais-valor em potencial.

Como capital personificado o capitalista põe em marcha o mecanismo social de valorização do valor. Esse mecanismo submete o próprio capitalista e toda classe trabalhadora a uma lógica de produção pela produção, pois a concorrência obriga o capitalista “a ampliar continuamente seu capital a fim de conservá-lo, e ele não pode ampliá-lo senão por meio da acumulação progressiva” (MARX, p. 667, 2013). Diante disso, como afirma Pradella (p.150, 2015): “a completa implementação da lei do valor internacionalmente é uma tendência que se realiza progressivamente no curso da acumulação através da concentração e centralização do capital, e da resultante generalização da relação do trabalho assalariado”.

3. Considerações finais

A análise do modo de produção capitalista como uma totalidade requer o estudo das leis que governam o mesmo. Sendo assim, utilizamos como principal fonte teórica o Livro I d'O capital e seguimos a ordem cujas categorias são inseridas nessa obra. A primeira e mais importante categoria é o valor. Este é primordialmente uma relação social e o reflexo da riqueza capitalista. Através do aprofundamento da relação dialética entre valor e valor de uso das mercadorias Marx capta origem lógica e conceitual do dinheiro.

Quando, na circulação, o dinheiro deixa de ser apenas meio (M-D-M) e se torna a finalidade desse processo com uma distinção que não é apenas qualitativa, mas também quantitativa, Marx destaca que o dinheiro já se transformou em capital (D-M-D'). Capital, por sua vez, constitui um movimento que sempre se renova fazendo da sua própria existência uma saga interminável em busca de mais-valor. Assim, como afirma Mészáros:

Capital não é apenas uma “entidade material” (...) mas é, em última análise, uma forma incontrolável de controle sociometabólico. A razão principal por que este sistema forçosamente escapa a um significativo grau de controle humano é precisamente o fato de ter, ele próprio, surgido no curso da história como uma poderosa(...) estrutura “totalizadora” de controle à qual tudo o mais, inclusive seres humanos, deve se ajustar, e assim provar sua “viabilidade produtiva”, ou perecer, caso não consiga se adaptar. (Mészáros,2002,p.96)

A partir do surgimento dos primeiros burgos (cidades comerciais) o que pode ser verificado ao longo do processo histórico é a ampliação das relações de troca para várias regiões até o momento em que essas relações se tornam dominantes. Como foi desenvolvido no capítulo dois deste estudo, o mercado não é algo natural. O mercado, assim como o capitalismo, são frutos de um processo histórico. O que é digno de nota nesse processo é o fato de que as relações de troca que constituem o mercado não ficaram e nem poderiam ficar restritas por muito tempo às fronteiras de determinadas localidades. Porque com a consolidação dessas relações o dinheiro se torna capaz de por a si próprio como capital. E quando isso ocorre, a tendência autoexpansiva do capital desbrava novas localidades com o objetivo de criar novos espaços de troca e conseqüentemente se apropriar de mais-valor.

O mercado mundial compreende a totalidade das trocas do sistema capitalista. Por isso, quando afirmamos que o mercado mundial está presente no nível de abstração

do livro I d'O capital estamos ressaltando que Marx nessa obra analisa o capitalismo global, sua origem, estrutura e dinâmica. Portanto, quando Marx já na primeira seção do livro I desenvolve a função dinheiro mundial podemos apontar o primeiro momento no qual esse autor demarca, ainda que não dê ênfase, a presença do mercado mundial. Marx aponta que o dinheiro mundial

“serve como materialidade social da riqueza, em que não se trata nem de compra nem de pagamento, mas da transferência da riqueza de um país a outro, mais precisamente nos casos em que essa transferência na forma das mercadorias é impossibilitada, seja pelas conjunturas do mercado, seja pelo próprio objetivo que se busca realizar.”(MARX,2013,217-218)

Outro momento importante para perceber a presença do mercado mundial na referida obra é a nota de rodapé do capítulo 22, pois nesta nota Marx toma “o mundo do comércio como uma nação”. Uma primeira leitura superficial dessa nota de rodapé pode gerar equívocos interpretativos da relação que o autor estabelece. Uma nação não é eleita pelo Marx como a representante do mundo do comércio, mas ao contrário, é por existir uma tendência universalizante do capital que espraia (amplia) as relações de troca pelo globo que aquele autor pressupõe o mundo do comércio como um mundo sem barreiras para que as trocas se realizem. Marx, pressupõe, portanto, o mercado mundial como a totalidade das trocas na sociedade mercantil, no capitalismo global.

Neste momento procuramos acrescentar alguns elementos que não foram trabalhados de maneira explícita durante este estudo. Tentamos traçar de maneira sucinta uma possível conexão entre estranhamento, incontrolabilidade do capital e mercado mundial.

A lógica de produção pela produção, conclusão do capítulo anterior, significa, realmente, uma lógica de trabalho pelo trabalho. Em outros termos, o trabalho humano, na sociedade do capital, não tem como finalidade a satisfação das necessidades humanas, mas o atendimento dos anseios do capital. Logo, é um trabalho cujo sentido é fornecido por uma força estranha aos próprios sujeitos. Além disso, esse estranhamento impõe um movimento incontrolável de permanente expansão da riqueza, o qual constitui a gênese do que chamamos de globalização capitalista.

Marx, ao elaborar sua crítica da Economia Política, busca compreender a formação social e a dinâmica capitalista. No decorrer desse estudo ele percebe a inversão entre sujeitos e objetos (trabalho humano e valor das mercadorias) presente de maneira impositiva no modo de produção capitalista. Os sujeitos (seres humanos) têm a sua existência social validada nessa época histórica mediante as mercadorias que eles produziram e que conseguiram se apropriar. Nesse contexto capitalista, a produção das mercadorias e a apropriação das mesmas ocorre somente por meio das relações de troca ou mecanismo de mercado. Este mecanismo, ao agir como mediador das relações entre os seres humanos, acaba ocultando relações humanas e colocando em evidência a relação que as mercadorias estabelecem entre si, na formação social capitalista, como algo natural. As mercadorias (valores) se personificam, tornam-se sujeitos e os seus guardiões tornam-se objetos, ou seja, os seres humanos no período histórico capitalista se comportam como portadores dos recados emitidos pelos valores das mercadorias. Estes valores, enquanto sujeitos automáticos, dialogam entre si por meio da linguagem oficial do mundo das mercadorias. Linguagem que só pode ser decodificada pelo movimento que as mercadorias fazem sob o mecanismo social de mercado.

Nos manuscritos econômicos-filosóficos de 1844, Marx recorrentemente utiliza o termo economia-nacional para se referir a economia política clássica. Esses cadernos de estudos constituem um dos primeiros contatos desse autor com o tema da Economia Política. Portanto, ele ainda não desenvolveu sistematicamente as categorias valor, capital e mercado mundial. Todavia, é possível perceber nessa obra que Marx já lança indícios que contribuirão posteriormente para o desenvolvimento de tais categorias. Vamos ressaltar os indícios deixados pelo Marx no que tange a categoria mercado mundial (ou mecanismo social de mercado).

Como mencionado no capítulo anterior, o mercado mundial já está presente no nível de abstração do livro I d'O capital. Nas palavras de Saludjian, Miranda e Carcanholo (2015, p. 10):

“Mercado (ou circulação de mercadorias) para ele é a totalidade das *trocas* em uma economia mercantil-capitalista. Nesta sociedade, os indivíduos não têm a liberdade de ir, ou não, conforme seus caprichos, ao mercado (mundial) para eventualmente, comprar ou vender produtos. Na sociedade capitalista, os seres humanos são obrigados, para existirem nessa sociedade, a comprar e vender produtos. Com o desenvolvimento da *divisão do trabalho*, esses indivíduos produzem apenas parte do que necessitam para viver. Isto significa que: (i) o *trabalho privado* só é reconhecido, ou não, como parte do *trabalho social*, se seu produto for reconhecido/validado na troca; (ii) os indivíduos relacionam-se uns com os outros, fundamentalmente, por intermédio da compra e venda de

suas mercadorias, e não diretamente. Enfim, trata-se de uma sociabilidade obrigatoriamente mercantil.

Portanto, quando Marx se refere ao mercado mundial, ele está se referindo a essa sociedade onde os seres humanos se relacionam socialmente de forma mediada/estranhada, o capitalismo.” (ibid. Grifos nossos)

Sendo assim, podemos afirmar que a sociabilidade mercantil (ou o mercado mundial) é composta pelas mediações: propriedade privada- intercâmbio- divisão do trabalho. De acordo com Mészáros (2006, p.78) a alienação⁶ da qual Marx está tratando corresponde a essa série de mediações que se impõem entre o homem e o seu trabalho(acepção geral), entendido como a determinação ontológica fundamental da humanidade. Essas mediações impedem o ser humano de exercer em plenitude a atividade produtiva, cujo, caráter é vital para sua reprodução enquanto ser social. Além disso, tais mediações criam barreiras “para apropriação humana dos produtos de sua atividade” (ibid. p.78).

O trabalho além de ser uma atividade vital humana, intercâmbio entre o ser humano e a natureza, é também uma mercadoria, trabalho assalariado. Este último aspecto do trabalho (acepção particular) é interpretado por Mészáros (ibid, p. 78) como a base de toda alienação. Marx parte dos pressupostos da economia política (chamada por ele nos manuscritos de economia nacional) e os leva ao extremo, chegando na seguinte constatação:

O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral.

Este fato nada mais exprime, senão: o objeto que o trabalho produz, o seu produto, se lhe defronta como um ser estranho, como um poder independente do produtor. O produto do trabalho é trabalho que se fixou num objeto, fez-se coisal, é a objetivação do trabalho. A efetivação do trabalho é a sua objetivação. (...)

(...)

A exteriorização do trabalhador em seu produto tem o significado não somente de que seu trabalho se torna um objeto, uma existência externa, mas, bem além disso, [que se torna uma existência] que existe fora dele, independente dele e estranha a ele, tornando-se uma potência autônoma diante dele, que a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha. (MARX,2004, p.8081)

⁶ Jesus Ranieri na apresentação dos manuscritos econômicos-filosóficos aponta para o fato de que Marx não explicitou a possível “distinção (e similitude) entre alienação (Entäusserung) e estranhamento (Entfremdung)” (MARX,2004, p13). Nesta pesquisa tratamos alienação e estranhamento como sinônimos. Mészáros (2006) utiliza com mais frequência o termo alienação.

Nessa passagem, podemos destacar que o estranhamento expressa a impossibilidade de controlar o processo de trabalho e os produtos originários desse processo (SILVA,2017, p.5). Quando Marx fala que o produto do trabalho humano “torna-se uma potência autônoma diante dele” isso já é uma anúncio do sujeito automático da época capitalista, o capital. Este ao se inserir na esfera produtiva transforma “a produção para que esta se transforme num meio de expansão do valor” (BONENTE,2016,p.52).Sendo assim, o estranhamento e a incontrolabilidade do capital se retroalimentam, pois como afirma Mézáros :

A atividade produtiva é, então, atividade alienada quando se afasta de sua função apropriada de mediar humanamente a relação sujeito-objeto entre homem e natureza, e tende, em vez disso, a levar o indivíduo isolado e reificado a ser reabsorvido pela “natureza”. MÉSZAROS (2006, p.81)

REFERÊNCIAS

- BAUMAN et al. *Economia internacional: teoria e experiência brasileira*. Editora Campus, Rio de Janeiro, 2015.
- BONENTE. *Desenvolvimento em Marx e na teoria econômica :por uma critica negativa do desenvolvimento capitalista*. EDUFF. Niteroi, RJ, 2016
- DUAYER, M.; MEDEIROS, J. L. Marx, estranhamento e emancipação: o caráter subordinado da categoria exploração na análise marxiana da sociedade do capital. *Revista de economia*. Editora UFPR 2008
- GRAY, JOHN. *Falso amanhecer*. Ed, Record. Rio de Janeiro. 1999
- LEITE, L.M. *Mercado mundial: ponto de partida e de chegada do Livro I de O capital*. In: AQUINO, D; CIPOLLA, F. 150 anos d'O Capital. Editora CRV, 2017.
- LUKÁCS, G.. *Para uma ontologia do ser social II*. Boitempo Editorial, São Paulo, 2013.
- MARX, K. *O capital: critica da economia política*. Livro 1. Tradução de Rubens Enderle. Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2013.
- MARX, K. *Manuscritos econômicos-filosóficos de 1844*. Boitempo editorial. São Paulo, 2004
- MÉSZÁROS. *A Teoria da Alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo. 2006.
- MÉSZÁROS, I. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. Boitempo Editorial, São Paulo, 2002.
- MOHUN, SIMON. *Verbetes Capital*. In: Bottomore. *Dicionário do pensamento marxista*. Editora ZAHAR.

PRADELLA, L. *Imperialism and capitalist development in Marx's Capital*. Historical Materialism, London, v. 2, n. 21, p. 117-147, 2013.

PRADELLA,L,Globalisation and the Critique of Political:New insights from marx writing Economy.Routledge.2015

PRADO,E.Notas de aula : <https://eleuterioprado.wordpress.com/aulas/>, 2016

SALUDJIAN,A; MIRANDA,F e CARCANHOLO,M. *Marx, marxismo e mercado mundial* .XXVIII Simpósio nacional de História.Florianopolis,SC.2015 .

SILVA,N.Alienation Theory and Ideology in Dialogue.Rethinking Marxism,2017

TEIXEIRA, R. A.. *Desenvolvimento, dependência e dominância financeira: A economia Brasileira e o capitalismo mundial*. Doctoral dissertation. São Paulo: IPEUSP, 2007.